

O PLANO DA CIDADE

ANA BEATRIZ MAGNO
DA EQUIPE DO CORREIO

Está eternizado nas palavras do pai, Lucio Costa. *Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura das mais lúcidas do país.*

E assim o urbanista apresenta o plano de Brasília, o sonho do criador para o destino da criatura. Lucio Costa leu e releu o edital para criar o traçado urbano, a cara e a alma da nova cidade, publicado no Diário Oficial

de 20 de setembro de 1956. O concurso exigia apenas “um traçado básico da cidade e “relatório justificativo”. O urbanista fez muito mais. Rabiscou uma cruz. “*A cidade nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da Cruz.*”

O resultado foi anunciado em março de 1957. Àquela altura, Brasília já era realidade para milhares de brasileiros que, desde 1956, chegavam para erguer o sonho de Juscelino Kubitschek. Começaram pelas hospedarias. Dos operários e dos poderosos. O presidente dormia no Palácio de Tábuas, o Catetinho, morada provisória, três quartos,

pouco conforto. Estava ansioso para plantar suas raízes definitivas na poeira vermelha do Planalto Central.

Juscelino mandou Niemeyer riscar um palácio simples, porém inesquecível. O presidente não gostou da primeira versão, pediu para refazê-la. Vinte e quatro horas depois, o arquiteto entregou uma novo projeto, JK adorou e, em julho de 1958, trocou as tábuas do Catetinho pelo mármore do Alvorada.

Para transformar o cerrado em capital do maior país da América Latina, os trabalhadores se apinhavam na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. Faziam ouvidos de mercador aos avisos de que os barracos seriam demolidos depois da inauguração. Era

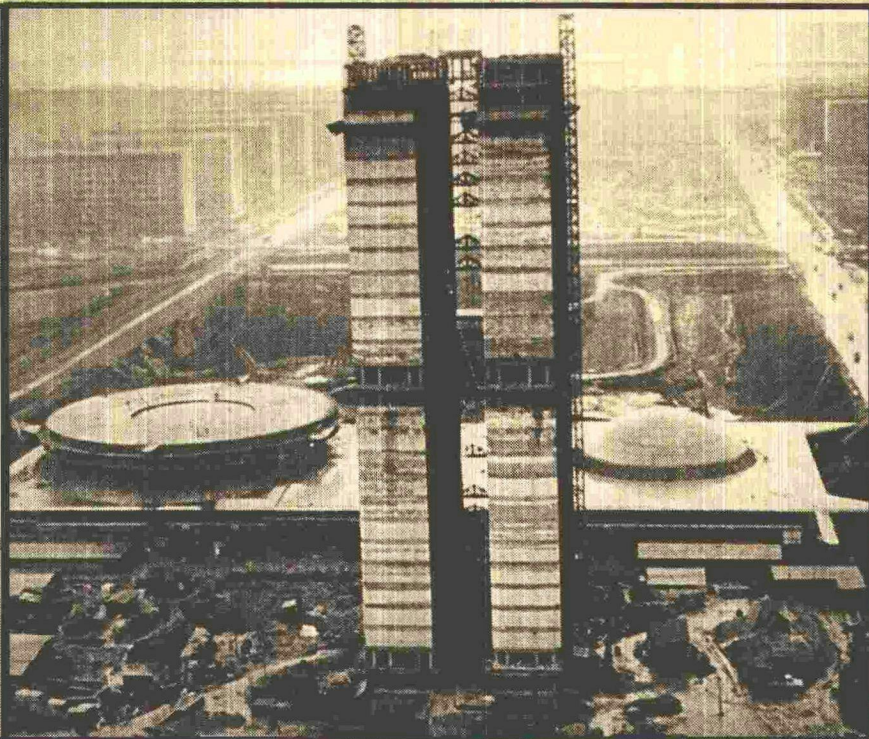
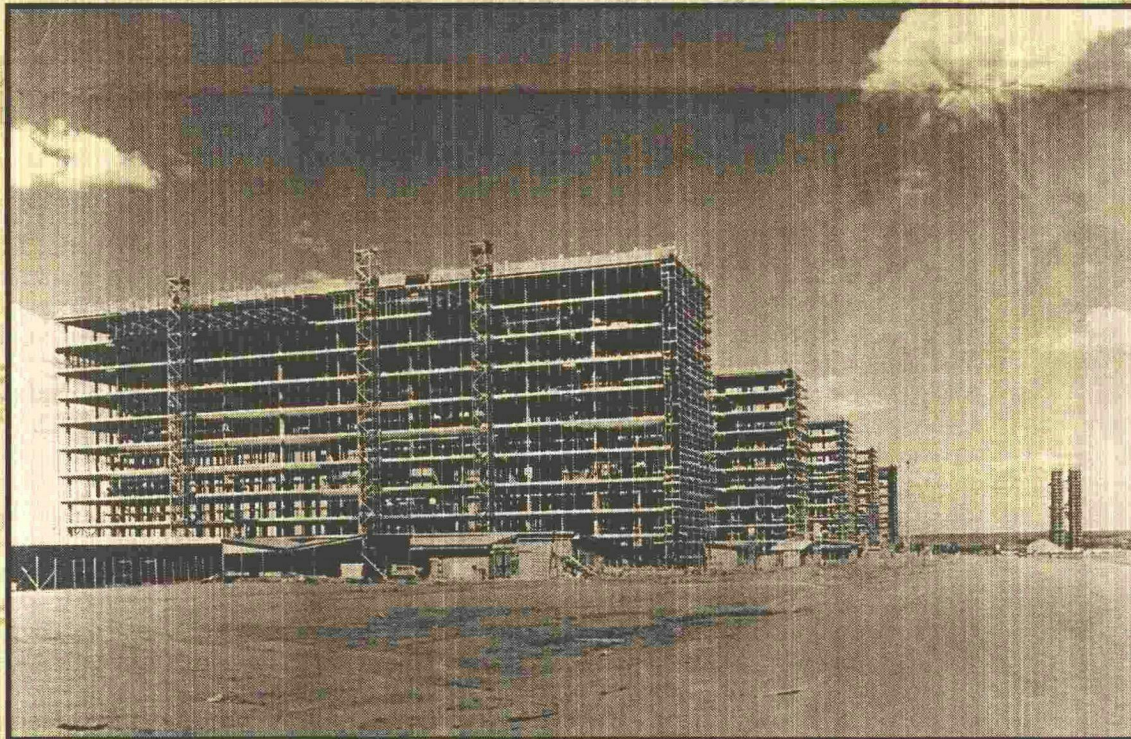
o plano das autoridades. O dos homens era diferente. Conseguiram.

Os operários ganharam o apelido de candango, palavra de origem africana, *kagundu*, que quer dizer ordinário. Não tinham nada de ordinários. Trabalhavam de sol a sol, nunca menos de 14 horas, aos domingos descansavam depois das quatro da tarde. De madrugada, os homens de mãos embrutecidas pela li-da erguiam casas tortas de madeira. De manhã, aquelas mesmas mãos transformavam em concreto a poesia arquitetônica de Niemeyer e a utopia humanista de Lucio Costa.

A seguir, um pouco da história da construção desta cidade que ora ficou aquém do plano do pai, ora foi além.

TERRA DO PODER

Fotos: Reprodução



Esplanada

É a Brasília que o Brasil conhece. Demorou a ficar pronta. O governo não tinha dinheiro. Em setembro de 1957, conseguiu empréstimo de US\$ 10 milhões para comprar as estruturas metálicas dos 29 mil metros quadrados do Congresso Nacional e dos Ministérios — 11 deles já funcionavam no dia da inauguração.

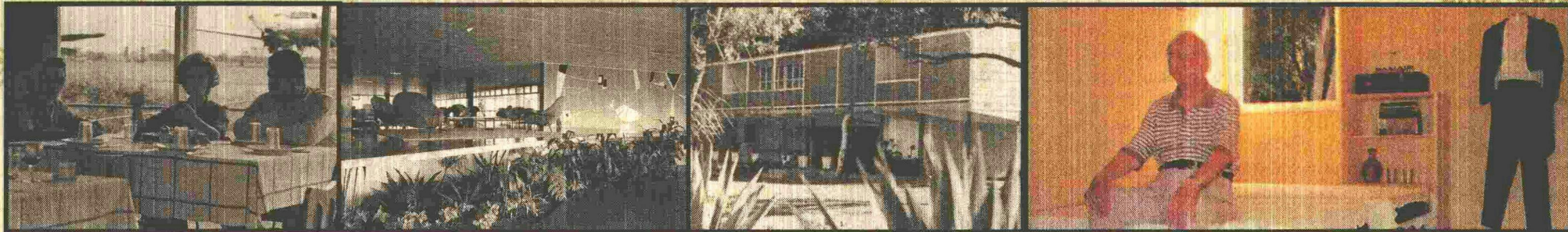
Gilberto Alves



Palácios

São os prédios que os brasileiros só conhecem por fora. O Congresso é a casa do povo. Ficou pronto em cima da hora, faltou colocar cinzeiros e poltronas no plenário. Também faltou tempo para finalizar a Cathedral, planta circular, 70 metros de diâmetro e 16 pilares côncavos. Só ficaram prontos em 1970. Muito antes Juscelino já dormia no Alvorada. Foi inaugurado em 30 de junho de 1958. Mercedes Urquiza (foto), argentina rica que, aos 18 anos, trocou o luxo portenho pelo barro candango, estava lá.

Gilberto Alves



Aeroporto

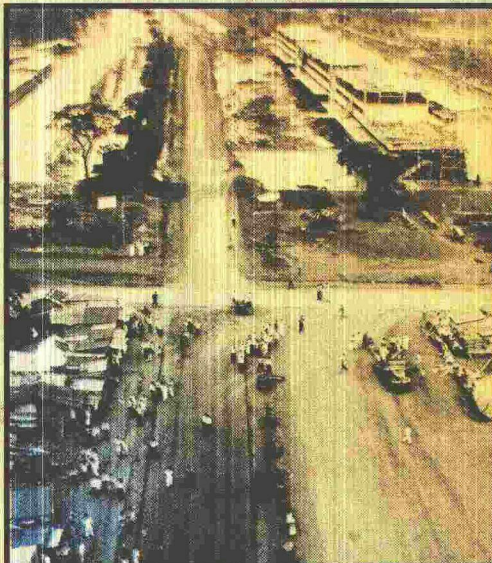
Era um dos lugares mais badalados no tempo da construção. Tinha a pista de pouso mais extensa do país, com 3.300 metros, inaugurada em abril de 1957 com a chegada de JK em seu *Viscount* presidencial. Juscelino estava ansioso com as idas e vindas de visitantes ilustres, mandou apressar as obras de um hotel de luxo, o Brasil Palace, queimado em 1978. Também sumiu do mapa o Catetinho 2 que por 13 meses abrigou o presidente. O prédio foi destruído. Sobrou o primeiro Catetinho, onde o médico Ernesto Silva, na foto com a casaca que usou no dia da inauguração, dormia no quarto vizinho ao do presidente.

TERRA DE ASAS

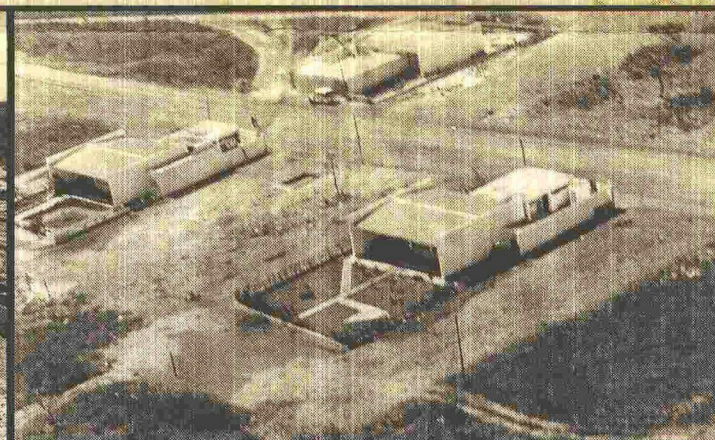
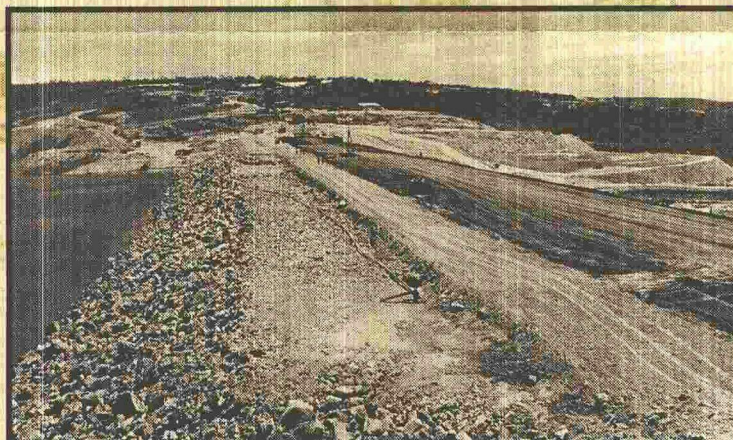
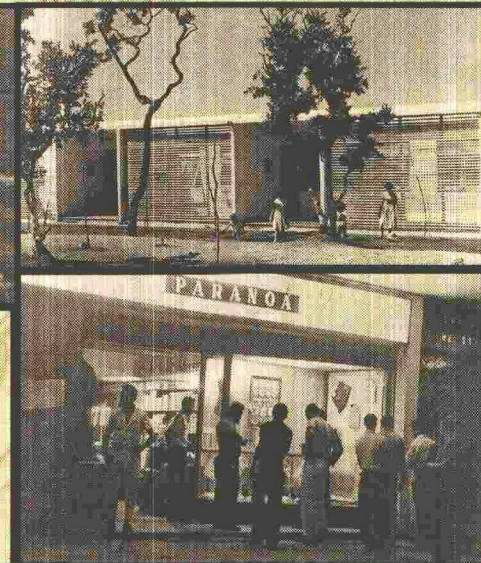
Fotos: Reprodução



Entre Elxos. A cidade se esparramou pelo cerrado com a destreza de quem tateia novo território. O Hospital de Base era só esqueleto em 1960. Já havia 32.212 apartamentos no Plano Piloto e uma população para lá dos 120 mil. Em 1959, eram apenas 64.314 habitantes. A velocidade da construção produzia milagres. Em cem dias operários ergueram a delicada igrejinha de Fátima, ilha de fé cercada de mato em junho de 1958, quando a primeira missa foi celebrada. Um ano depois, teve foguetório e visita de JK no bloco D da 106 sul, primeiro prédio de Brasília. Vizinho, o Cine Brasília, inaugurado às 17h30 de 21 de abril de 1960, ar-condicionado, 1.200 lugares, todos lotados, *Anáguas a Bordo na tela*. JK chegou atrasado e saiu antes do fim. Mas aplaudido.



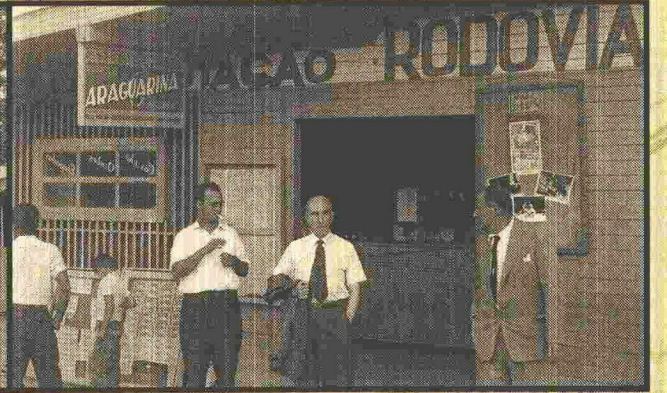
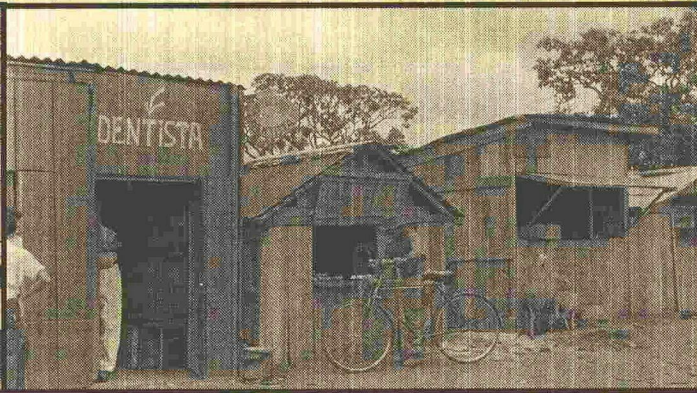
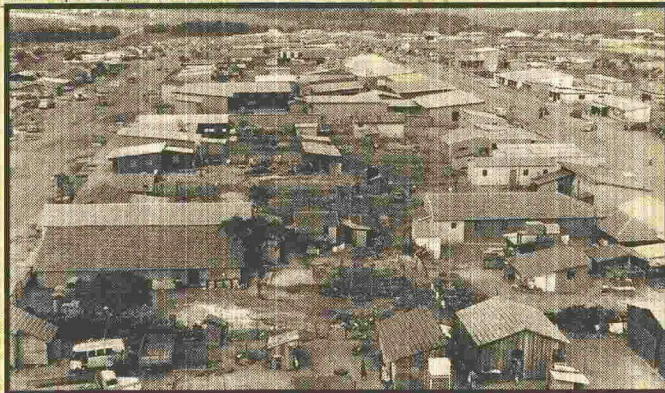
Dabliu três. Lucio Costa sonhava que ela fosse o Champs-Élysées da nova capital. Quase foi, pelo menos no começo. A W-3 era o centro comercial, os melhores restaurantes e lojas. Como as autoridades estavam preocupadas com o excesso de demanda habitacional, mandaram construir 500 casas populares no final da W3. Mais tarde a Caixa Econômica construiu outros tantos, mais nobres, de dois andares, no início da avenida.



Lagos. Os primeiros esboços já previam um lago e uma barragem para a capital federal. Quando as comportas se fecharam, as águas cobriram a história. Acampamentos de pioneiros, como a Vila Amaury e a Sacolândia (comunidade de barracos feitos de saco de cimento vazios) foram engolidos. Na beira do Lago, surgia o endereço da elite.

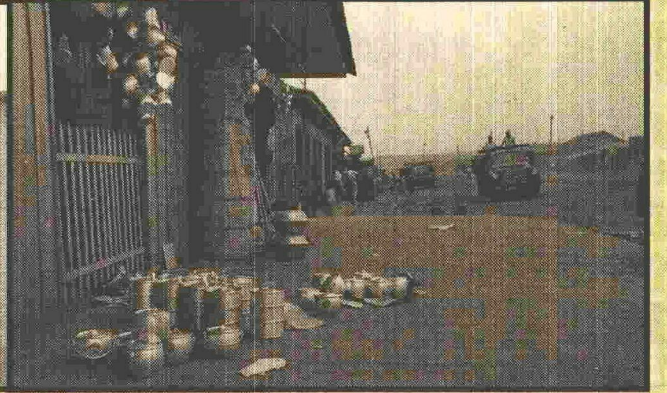
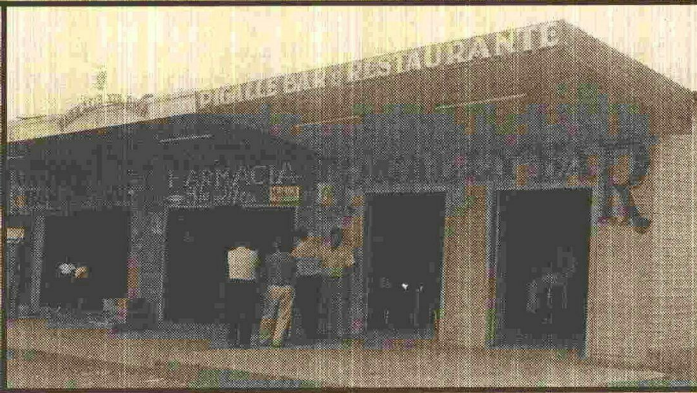
TERRA DE DESTERRADOS...

Fotos: Reprodução e Gilberto Alves



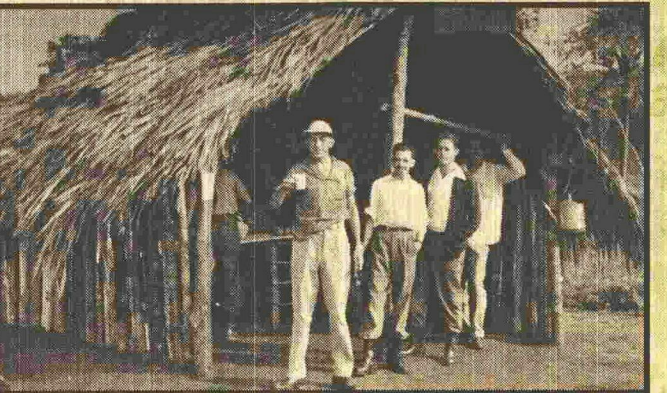
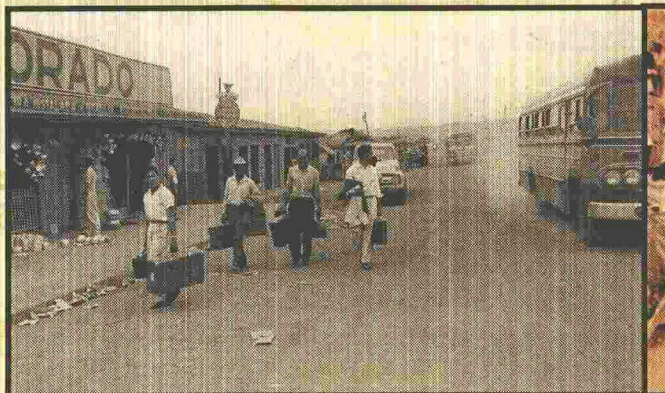
Cidade Livre

Tinha a cara de faroeste americano e o coração hospitaleiro dos brasileiros. Todos que chegavam, sotaque nordestino ou gaúcho, encontravam um hotelzinho, um prato de comida. Nada de luxo. Nasceu com a vocação de núcleo comercial. Deveria durar até a inauguração, depois seria destruída, segundo as autoridades.



Destino de aventureiros

Para estimular os negócios, o governo dava o lote. Antes de 1957, havia apenas duas padarias, um hotel e um açougue. Seis meses depois, os três quilômetros de extensão, divididos em três ruas principais, já abrigavam 100 construções e mais de mil pessoas. Vinham de ônibus, de pau-de-arara.



Temosla de lutador

Em março de 1960, 20 mil brasileiros já se apinhavam ali. Tinha de bordel a salão de beleza. Farmácia, cinema, fábrica de picolé. A primeira bodega da região tinha cobertura de palha. O resto se equilibrava em placas de madeira, um mistério da arquitetura tão indecifrável quanto as linhas de Niemeyer — não à toa eram erguidas pelas mesmas mãos. A decisão governamental de apagar com o lugar não intimidou os moradores. Inventaram o Núcleo Bandeirante. E destruíram a riqueza de seu maior patrimônio, a história. Só um casarão carcomido pelo tempo sobreviveu a este épico brasileiro.

...E O QUE RESTOU DA CIDADE SAGA...

Núcleo Bandeirante

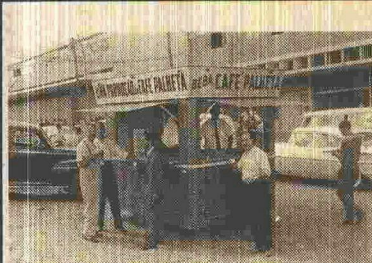
A cidade que tem hoje 36.400 habitantes foi batizada por causa da sua origem pioneira. Era o local onde os candangos se cadastravam para trabalhar na Novacap.



Toy Bar

Já foi boate, hoje é muito mais do que um prédio caindo aos pedaços. É o tempo parado nos anos 50. Lá dentro uma família se amontoa entre as ruínas. O patriarca, seu Antonio Hilari, criou ali as filhas. Chegou candango. Diz que só sai morto.

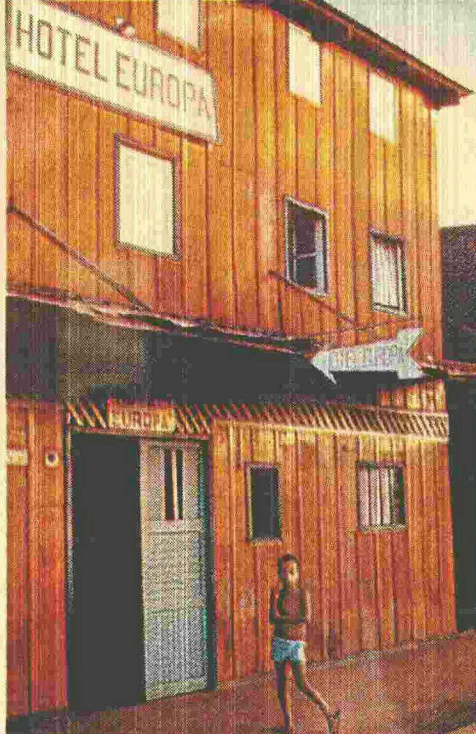
LEMBRANÇAS DE QUANDO BRASÍLIA ERA VERMELHA...



CAFÉ PALHETA NA W3



BARBEARIA NA CIDADE LIVRE

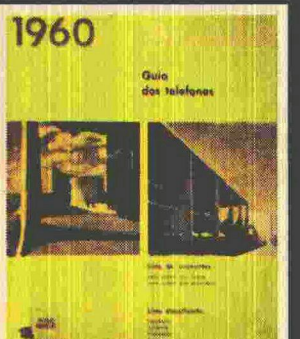


HOTEL EUROPA, UM DOS PRIMEIROS E MELHORES DA CIDADE LIVRE. UM BANHEIRO PARA HOMENS E OUTRO PARA MULHERES

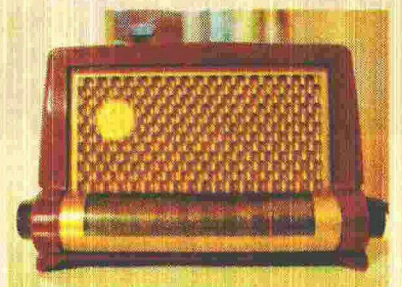
CHEZ WILLY, O RESTAURANTE CHIQUE DA CIDADE LIVRE



CIGANAS, PERSONAGENS COMUNS NOS ACAMPAMENTOS PIONEIROS



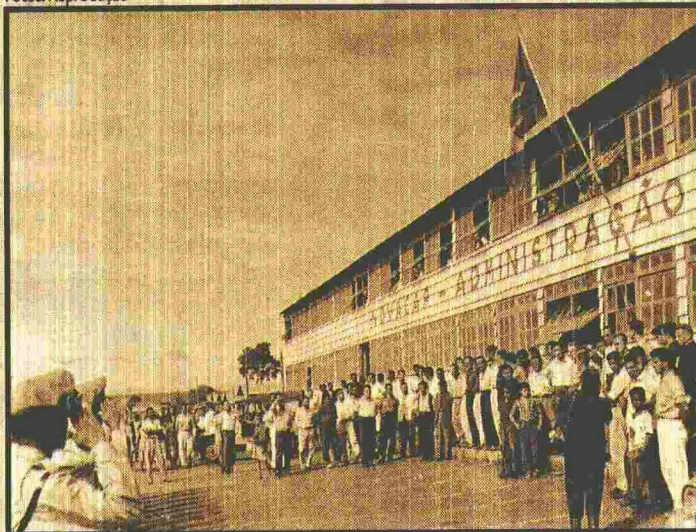
SEGUNDA LISTA TELEFÔNICA



RÁDIO. NOTÍCIAS DO BRASIL

TERRA DE CANDANGOS

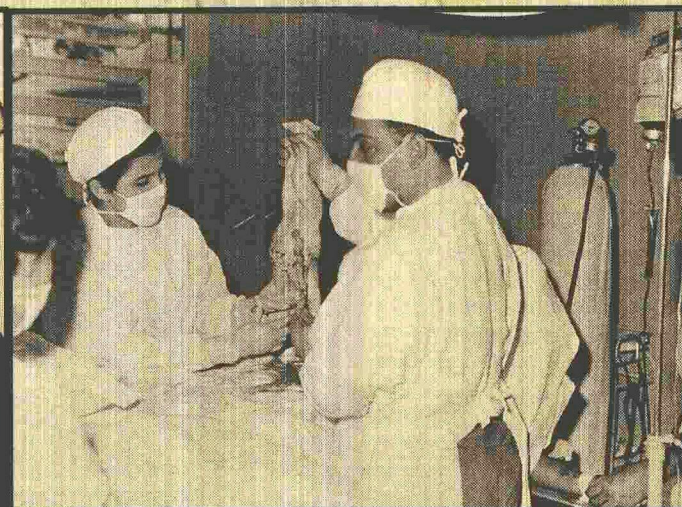
Fotos: Reprodução



Novacap e escola

Chovia muito na madrugada de 18 de abril de 1956. O presidente Juscelino queria chegar a Goiânia e de lá assinar o projeto de lei da mudança da capital. A tempestade não deixou. JK teimou. Transferiu a solenidade para Anápolis e lá chancelou a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a Novacap. Em novembro, fiéis escudeiros de JK pisavam no Planalto para começar a construção. Decidiram que as primeiras obras seriam a barragem, o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace. Criaram dois núcleos de apoio. Um, administrativo, a sede da Novacap, hoje na área da Candangolândia. Outro, comercial, a Cidade Livre.

A Novacap ficou sob o comando do determinado Israel Pinheiro. A empresa era uma cidade. Tinha escritórios, caixa-forte, restaurante, alojamentos para dois mil operários, casas para 850 técnicos e até escola, a primeira da nova capital, de nome Julia Kubitschek, em homenagem à mãe do presidente. Niemeyer desenhou e o respeitado educador Anísio Teixeira cuidou do projeto pedagógico. As crianças estudavam o dia inteiro, tinham refeições, aulas ao ar livre, lições que misturavam ciência e cidadania. O tempo e o desrespeito pelo patrimônio engoliram as paredes da escolinha. Virou um campo de futebol.

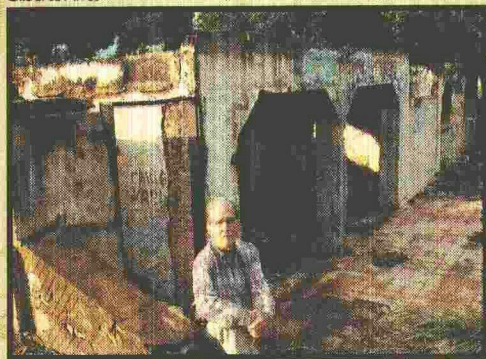


Medicina da poeira

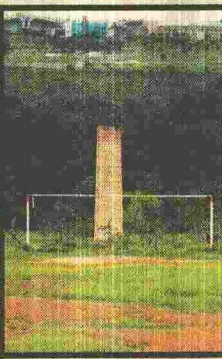
Em frente à Novacap, os operários construíram em apenas 60 dias, o primeiro hospital, 50 leitos, seis médicos. "Nada de luxo, mas muita coragem", resume Rauf Carneiro, 78 anos, obstetra que fez a primeira cesariana da nova capital. Está aqui há 45 anos, veio do Rio, plantou raízes, hoje tem três filhos brasileiros, cinco netos e a mesma namorada, a mulher Marisa, carioca bonita que conheceu num baile de debutantes em 1959 — as moças levantavam a barra das saias para livrar a seda da poeira.

...SÃO RUÍNAS E SAUDADES

Gilberto Alves



Gilberto Alves



Daniel Ferreira

